

José Guilherme Cantor Magnani

O Circuito: proposta de delimitação da categoria

Aviso

O conteúdo deste website está sujeito à legislação francesa sobre a propriedade intelectual e é propriedade exclusiva do editor.

Os trabalhos disponibilizados neste website podem ser consultados e reproduzidos em papel ou suporte digital desde que a sua utilização seja estritamente pessoal ou para fins científicos ou pedagógicos, excluindo-se qualquer exploração comercial. A reprodução deverá mencionar obrigatoriamente o editor, o nome da revista, o autor e a referência do documento.

Qualquer outra forma de reprodução é interdita salvo se autorizada previamente pelo editor, excepto nos casos previstos pela legislação em vigor em França.

revues.org

Revues.org é um portal de revistas das ciências sociais e humanas desenvolvido pelo CLÉO, Centro para a edição eletrónica aberta (CNRS, EHESS, UP, UAPV - França)

Referência eletrônica

José Guilherme Cantor Magnani, « O Circuito: proposta de delimitação da categoria », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 22 Abril 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2041> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2041

Editor: Núcleo de Antropologia Urbana

<http://pontourbe.revues.org>

<http://www.revues.org>

Documento acessível online em:

<http://pontourbe.revues.org/2041>

Documento gerado automaticamente no dia 22 Abril 2016.

© NAU

José Guilherme Cantor Magnani

O Circuito: proposta de delimitação da categoria

Introdução

- 1 Uma das mais recentes experiências de campo do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (LabNAU/USP), realizada por integrantes de um de seus coletivos de pesquisa, o Grupo de Etnologia Urbana (GEU), na Amazônia – mais precisamente em Manaus e em alguns municípios vizinhos – levantou a necessidade de revisar as categorias *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *pórtico* e *circuito*, habitualmente empregadas por pesquisadores do Núcleo.
- 2 Nessa expedição, em contato com membros do povo Sateré-Mawé e suas “aldeias urbanas”¹, de início a noção de *circuito* aparecia como a mais adequada para descrever a forma como se inserem na cidade. Esta escolha permitiu uma primeira identificação e entendimento do seu sistema de residências no contexto urbano e logo a percepção da intensa movimentação – os *trajetos* – entre elas e no espaço mais amplo da cidade. De imediato, porém, percebeu-se a necessidade de repensar o uso costumeiro dessas categorias, uma vez que o contexto original de sua aplicação tinha sido a cidade de São Paulo – por certo de história, características e escala muito diferentes das de Manaus e de outras cidades amazônicas.
- 3 E, o que é mais importante, as pessoas com as quais se estava travando esse contato não eram os habitantes da cidade, em geral, nem os moradores de periferia – como, aliás, havia sido quando da elaboração da primeira categoria da “família”, o *pedaço* – mas um segmento muito especial: os índios. Os integrantes do GEU, nessa sua primeira incursão pela Amazônia, foram recebidos pelos Sateré-Mawé e convidados por alguns deles a visitar uma de suas comunidades no bairro da Redenção, zona oeste da capital manauara.
- 4 Estávamos, desta forma, entrando em contato com “índios urbanos”, uma das expressões usadas em determinada literatura para designar a presença indígena nas cidades e as precárias condições de vida, trabalho e sobrevivência a que são submetidos, na periferia dos centros urbanos, como quaisquer outros moradores de baixa renda.
- 5 Nessa pesquisa, contudo, o GEU estava interessado em encarar o fenômeno sob outro prisma, buscando elementos de reflexão em campos que, apesar de histórica e teoricamente separados, a Etnologia Indígena e a Antropologia Urbana, poderiam contribuir para fundamentar uma perspectiva inovadora.
- 6 Assim, em vez de circunscrever a presença indígena no contexto habitual do processo de periferização urbana, analisar sua instável inserção no mercado de trabalho, seu confinamento em regiões de risco e carente de serviços e equipamentos básicos, optou-se por outro enfoque, com outras perguntas.
- 7 Buscava-se entender qual era a concepção de cidade desses grupos indígenas e que transformações sua presença acarretava na própria dinâmica urbana: como estabelecem, aí, seus vínculos, estratégias e alianças? Quais são seus trajetos no tecido urbano e que instituições acionam na busca de manutenção de um modo de vida diferenciado?
- 8 Antes, porém, de mostrar os alcances (e limites) das categorias da etnografia urbana para pensar estas questões e sua adequação – uma vez submetidas a um oportuno processo de revisão – a esse e a outros contextos que não a cidade de São Paulo, convém lembrar as circunstâncias em que foram elaboradas, com base nos recortes habituais das pesquisas desenvolvidas no NAU, ao longo de sua trajetória.

Antecedentes

- 9 A categoria *circuito* surgiu na continuidade de um estudo pioneiro de práticas de lazer na periferia de São Paulo, quando a de *pedaço* – inicialmente aplicada no contexto da vizinhança, no bairro – foi testada em regiões do centro da cidade, pelos primeiros integrantes do NAU, nos idos da década de 1990 (Magnani & Torres, [1996] 2008). A necessidade de adequá-la a

esse novo contexto exigiu ajustes e abriu pistas para a elaboração de novas categorias como *trajetos*, *manchas* e *pórtico*.²

10 Assim, uma das primeiras incursões a campo, na Galeria do Rock, no centro da capital paulistana, mostrou que naquele *pedaço* os frequentadores, vindos de várias partes da cidade e até de outros municípios, não necessariamente *se conheciam* (por laços de vizinhança, parentesco, trabalho, religião, como no contexto do bairro) mas *se reconheciam*, seja pela exibição de marcas estampadas nas camisetas, nos cortes de cabelo ou na postura corporal, evidenciando seus gostos musicais, o pertencimento a determinadas galeras, a preferência por esta ou aquela banda etc.

11 A seguir, pesquisas levadas adiante por membros do NAU nas regiões do Bixiga e da esquina da Avenida Paulista com a Rua da Consolação ainda sobre modalidades de lazer ensinaram a elaboração das demais categorias – *mancha*, *trajeto*, *pórtico*³ – que permitiram identificar e descrever práticas, equipamentos, lugares de encontro e passagem com marcada inserção na paisagem urbana, e acessíveis na escala do andar.

12 Mas a novidade que *circuito* introduziu nessa “família” de categorias, em virtude de sua capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial, como ocorre nas demais, foi a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência – mesmo na vastidão da cidade de São Paulo – e desta forma construir unidades analíticas mais consistentes.

13 Assim, por mais afastados que diferentes pontos do *circuito* de futebol de várzea, por exemplo, pudessem estar uns dos outros, era possível reconhecer que formam um conjunto, são claramente identificados por seus usuários, permitem a realização de atividades em comum ao longo do tempo, como torneios e festivais.

14 De forma que, ao realizar uma etnografia bem localizada, neste ou aquele campo em algum bairro, escapa-se do perigo da fragmentação ou do estudo de caso isolado – é a “tentação da aldeia” – pois esses pontos fazem parte de um conjunto mais amplo, no qual é possível o estabelecimento de relações em outro nível, com outros parceiros (mas todos identificados com o *circuito* em causa), que vão além das fronteiras restritas de cada recorte. E, por outro lado, evita-se cair em outra tentação: tomar a cidade como algo já dado e como unidade explicativa.

Referências

15 Na realidade, talvez fosse melhor substituir “totalidade” (pelas conotações funcionalistas que carrega) por um termo mais neutro, *conjunto* que, no campo da matemática, é formado por todos os elementos que compartilham determinado atributo. Como se sabe, a teoria dos conjuntos (Cantor, 1874), complexa e controversa – em suas primeiras formulações, fora taxada de *naif* – aqui está tomada mais como evocação do que como o quadro de referência para fundamentar a categoria *circuito*.

16 Sem a pretensão de adentrar mais profundamente em tal campo, cabe assinalar que, se na formulação canônica, um objeto é ou não inequivocamente membro de determinado conjunto, a variante “teoria dos conjuntos *fuzzy*” (Zadeh, 1965), introduz a variável *grau de pertinência*. Desta forma a resposta torna-se mais flexível, como no caso de se alguém pertence ou não ao conjunto das “pessoas altas”: entre 0 e 1 pode haver, por exemplo, a posição 0,75.

17 Deixando de lado a matemática e voltando ao exemplo mais chão do futebol de várzea: aquele trecho de terra que, na vazante, serve de campinho para uma pelada de fim de semana, na margem do rio Solimões, em Manacapuru (AM), pode ser incluído em determinado *circuito* – o do futebol, ou então o do lazer – conforme seu “grau de pertinência”⁴ determinado pelo recorte, pela pergunta, pelos objetivos da pesquisa em curso: se se trata de um estudo sobre jogos que fazem parte do calendário de algum torneio, essa pelada fica de fora; se a pesquisa for sobre formas de lazer vicinal, entra. *And so on*.

18 Outro autor que pode ajudar para compor o quadro de referência – também como evocação – é Howard Becker e a noção de “mundo”, tal como é discutida em uma de suas obras mais conhecidas, *Art Worlds* (1982). Nesse livro, o termo é utilizado para incluir não só os artistas propriamente ditos, nas diferentes áreas – música, artes plásticas, teatro etc. – mas outros atores, cujas práticas e especialidades contribuem para a produção final da obra ou peça. Trata-

se de uma rede complexa, responsável pela feitura das obras, tradicionalmente vistas apenas como produto da criação individual de cada artista. Na verdade, a arte é, segundo o autor, resultado de uma “ação coletiva”, nela incluindo-se até mesmo recursos materiais como o papel, a tela, o instrumento musical etc. com seus produtores, oficinas e ferramentas – e isso, muito antes da moda dos “não humanos”

19 Assim, a obra artística pode ser vista no contexto de vários círculos concêntricos, a partir de um mais restrito (o dos próprios artistas) até outros, sucessivamente mais abrangentes: o grau de pertinência, para usar o termo anteriormente citado, varia. A vinculação entre esses diferentes círculos, desde aqueles que englobam elementos sem envolvimento direto, até os mais centrais, se dá através do termo *convenção* que define, segundo Becker, as regras comuns para a ação coletiva.

Aplicações

20 Penso que essas duas referências – as noções de conjunto/grau de pertinência e a de convenção – *mutatis mutandis*, podem contribuir para um melhor entendimento do alcance de *circuito*. Assim, se o que está em pauta é o “mundo dos skatistas”,⁵ dele não fazem parte apenas os atletas reconhecidos dessa modalidade, mas os iniciantes, os fabricantes dos equipamentos, os editores de revistas especializadas, os donos de lojas, as promotores de feiras, os espectadores nos locais de treino e nos momentos de encontro, etc.

21 O mesmo pode ser dito de pichadores, do *hip-hop*, da capoeira, dos motoboys, dos saraus da periferia, surdos, etc.⁶ É a “convenção” – o atributo escolhido – e seu “grau de pertinência” que determinam a inclusão ou exclusão de elementos no *circuito*. Assim, se o que está sendo considerado, no caso do *skate*, é apenas o esporte com suas habilidades, regras, equipamentos, o que interessa são os pontos onde é praticado e não onde o skatista estuda, que igreja frequenta, etc. – circunstâncias que poderão ser levadas em conta em outros contextos, se a *convenção* escolhida for outra, como se verá mais adiante.

22 O *circuito* passa, assim, a abrigar diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que torna vivo o *circuito* é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos etc. Um evento local mobilizará pessoas, objetos, etc., de forma diferente de um evento de âmbito nacional.

23 A tradicional festa junina dos surdos em São Paulo, por exemplo, no Instituto Santa Teresinha, no bairro da Saúde, tem um grau de mobilização diferente em comparação com a missa semanal dos surdos nesse mesmo Instituto: não se trata apenas de eventos de natureza diferente, um profano e outro religioso, mas de alcances muito variados. No primeiro caso, agrega não só os surdos, mas suas famílias, amigos, professores, intérpretes, pesquisadores; no segundo, só os surdos católicos. Ambos, contudo, fazem parte de um *circuito* surdo mais amplo da cidade de São Paulo, que é o que lhes dá inteligibilidade, algum grau de coerência – são todos surdos, afinal – ou vinculados, de uma forma ou outra, a esse “atributo”.

24 Outro caso particular, que pode agregar uma nova dimensão ao alcance do *circuito* é oferecido pelos *straight edges*, cujo “mundo” não é constituído apenas por uma determinada prática, como nos casos anteriores referidos aos segmentos jovens. Eles não se caracterizam por um atributo, mas por vários: gosto musical, restrições alimentares (são veganos), discurso político, estilo de vestimenta, marcas corporais. Trata-se, aqui, de um “modo de vida compartilhado” e não apenas do desempenho ou habilidade em determinada prática, como única medida do grau de pertinência.

25 Tudo indica que o mesmo ocorre com os integrantes de outra “cena”, *black metal*: os gostos, valores, universo semântico, pontos de encontro, vestuário das diversas “hordas” conformam um verdadeiro estilo de vida, exclusivista e cuidadosamente elaborado, de forma a não serem confundidos com outros grupos com os quais às vezes são aproximados em virtude de uma aparente coincidência de preferências musicais.⁷ Vejamos, agora, algumas aplicações mais em detalhe.

Os surdos

- 26 Voltando aos surdos: trazer à baila o “mundo surdo”, mas tratá-lo como *circuito*, abre ainda mais o campo de possibilidades, já vislumbrado com a perspectiva do “modo de vida”. Se o *circuito* dos brechós, por exemplo, congrega vendedores e compradores de um determinado tipo de roupa, dificilmente se poderia dizer que apresentam um *modo de vida* (talvez uma vaga evocação “hiponga”...). O mesmo ocorre com os frequentadores do *circuito* dos cineclubes e salas de projeção de filmes *cult* – na Mostra Internacional de Cinema costumam exibir – nas longas filas de espera, antes das sessões – alguns comportamentos específicos, mas passageiros...
- 27 Os surdos, contudo, exibem atributos de identificação mais duradouros. Não me refiro, por certo, à condição fisiológica da surdez, instaurada no corpo, que admite graus diferentes, mas antes a marcas que exibem como constitutivas de uma identificação de ordem cultural: a língua de sinais e a “cultura surda” que, para alguns, fundam a “comunidade surda”.⁸
- 28 Contudo, não foi só a categoria de *circuito* que o grupo de pesquisas do NAU sobre os surdos mobilizou em seu estudo: começamos com a de *pedaço*, depois *mancha* e *trajetos* e, finalmente, quando o “mundo” dos surdos começava a fazer sentido de forma mais coerente e articulada, a de *circuito*. Vale, pois, a pena expor todo o processo, para apreciar a inter-relação entre essas categorias.
- 29 Assim, quando da nossa primeira incursão a campo, numa festa junina de rua organizada pela ADEFÁV (Associação para Deficientes da Audio-Visão) no bairro paulistano do Cambuci, o ambiente era claramente de *pedaço*: todos se conheciam: alunos, professores, terapeutas, familiares. Alguns eram de fora, como nós, mas logo estavam integrados, dado o espaço onde ocorria a festa, a rua defronte à instituição.
- 30 É interessante observar a modulação dessa categoria pois, na sequência, fomos a uma festa na sede da Associação dos Surdos de São Paulo e aí, em espaço fechado, a experiência foi outra: era um *pedaço* de surdos que se só comunicavam em língua de sinais. Esta era a “convenção”, delimitando o “grau de pertinência” e quem não a conhecia... ficava de fora.
- 31 Já na festa junina no Instituto Santa Teresinha a situação foi diferente. Escola especial para surdos, de orientação católica, constitui o epicentro de uma *mancha* que inclui quadra poliesportiva, ruas adjacentes, arredores, bares da vizinhança, esquinas, pontos de ônibus, todos tomados por surdos, tanto nas festas – quando sua presença é massiva – quanto no cotidiano. Mas também por seus professores, funcionários do colégio, familiares, intérpretes, pois esta é uma característica da *mancha*: não se restringe aos “chegados”, permite o imprevisto, encontros inesperados, ainda que todos de uma forma ou outra estejam ligados ao mundo dos surdos.
- 32 A pesquisa seguiu seu curso e novos pontos foram sendo conhecidos, como a DERDIC (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação), ligada à PUC/SP, a Escola Municipal de Educação Especial Hellen Keller, entre outras. Seguindo os atores nesses espaços, começou a tomar forma um *circuito*. Mas, note-se, esses eram os *trajetos* de nossos primeiros contatos, os surdos mais intelectualizados, que frequentavam a universidade ou circulavam em meios acadêmicos, antenados com questões e eventos do movimento surdo, ciosos de sua diferença, a “cultura surda” e sua língua, libras.
- 33 À medida que o estudo prosseguia, porém, alargou-se o horizonte: começamos a entrar em contato com surdos de periferia, não proficientes na língua de sinais, os frequentadores de igrejas, os oralizados, implantados... Assim, confirmava-se aquela observação de que são os *trajetos* que instauram as diferentes dimensões do *circuito*. Pois, além das associações e das escolas especializadas, começavam a aparecer outros pontos de encontro e sociabilidade como praças de alimentação em *shopping centers*, igrejas, bares (inclusive de surdos *gay*) etc. E mais uma vez constatava-se que a *convenção* e os *graus de pertinência*, a partir dos *trajetos* dos atores, permitiam determinar tal ou qual dimensão ou abrangência dos *circuitos*.
- 34 Concluindo, sem entrar na complexidade e meandros dessa questão em particular, aquilo que inicialmente parecia um só bloco, indistinto – os surdos, em suas festas – revelou, na verdade, uma notável diversidade. Lá estavam todas as nuances: surdos usuários de libras, surdos

oralizados, surdos-cegos, surdos com aparelhos auditivos ou implantes cocleares, professores, familiares intérpretes, pesquisadores, religiosos.

- 35 Esses atores se conectam, fazem escolhas, exibem e exercitam suas diferenças nos *pedaços*, ampliam o leque de contato nas *manchas* e, em seus *trajetos* pela cidade, configuram o *circuito* surdo. Este, por sua vez, pode ser desdobrado, para efeitos de análise, em diferentes *sub-circuitos*: o religioso, o educacional, etc. Desta forma, reconhecido e descrito o *circuito* surdo na paisagem da cidade e redimensionado em vários *sub-circuitos* que se intercomunicam, a impressão de uma certa homogeneidade ou mesmo indiferenciação, ainda presentes na ideia de “mundo”, cede lugar a uma maior complexidade: como foi mostrado mais acima, o *sub-circuito* pedagógico, por exemplo, composto basicamente pelas escolas, centros de aprendizado e/ou terapia, no mês de junho se ajustam a outro *sub-circuito*, o do lazer.

Religião: o candomblé

- 36 Avançando um pouco mais, esta reflexão pode ser aplicada a outro conjunto, o *circuito* do candomblé.⁹ Os adeptos dessa religião muitas vezes se reconhecem como membros do “povo de santo”, da “nação” angola e similares. O *modo de vida* compartilhado aqui inclui não só adesão a crenças e práticas religiosas, mas hierarquia, obrigações entre pais, mães e filhos de santo, “irmãos de barco”, tabus alimentares, interditos sexuais, marcas corporais, uso obrigatório de determinados adereços e vestimentas fora e dentro do terreiro. *Circuito*, neste caso, permite juntar, num mesmo conjunto, terreiros e *ilês* ligados por filiações entre seus participantes; identificar conflitos e observar passagens de membros de um para outro; registrar obrigações e quebra de lealdades, acompanhar fofocas e maledicências, disputa e, alianças.
- 37 A identificação de sub-conjuntos no interior do *circuito principal*, formados por procedências e tradições (ketu, ijexá, bantu), ancestralidade (filhos e netos de santo de um mesmo babalorixá ou ialorixá) etc. tanto quebra a aparente homogeneidade (e preconceito) muitas vezes atribuída a esses cultos (macumba, magia negra, etc.) como, por outro lado, evita a fragmentação, pois só fazem sentido se subsumidos e articulados no interior de um conjunto mais alargado, o *circuito principal*.
- 38 Mais uma vez, a escolha do nível de abrangência e do grau de pertinência vai depender das perguntas que se fizerem. Conforme essas perguntas, por exemplo, a umbanda pode fazer parte do *circuito* do “povo de santo”, como um *sub-circuito*, ou então constituir um novo *circuito*¹⁰, mas fazendo intersecção com aquele. A propósito, cabe uma referência à pesquisa de Rita Amaral:

(...) O povo-de-santo na cidade, como mostrou Rita de Cássia Amaral (2002), tem seu *circuito* e modo de vida correspondente, mas é possível, por exemplo, dependendo dos objetivos da pesquisa, delimitar e considerar apenas o *circuito* dos ilês africanizados, ou estendê-lo para os demais, incluindo ou não os terreiros de ascendência angolana e até os de umbanda; saindo do terreno propriamente religioso, esse *circuito* pode abranger a capoeira, as escolas de samba, os afoxés e também escolas de dança, exposições de arte africana, restaurantes, e assim por diante. Em cada um desses recortes está-se em contato com o mesmo sistema simbólico e de trocas – continua sendo o universo do povo-de-santo –, mas a cada ampliação (ou redução) do âmbito, sem que se perca a referência com um campo reconhecido pelos usuários, está-se trabalhando com questões diferentes, definidas de acordo com os propósitos, as perguntas e a literatura acionados pela pesquisa. (apud Magnani 2012:98).

Religião: o neo-esoterismo

- 39 E já que se está falando em religião, cabe uma incursão a outro campo em que a categoria de *circuito* revelou-se particularmente produtiva para organizar os pontos – espaços, lojas, livrarias, templos, consultórios, clínicas, academias – onde ocorrem, segundo calendários específicos, as práticas que denominei de “neo-esotéricas”, tal como está descrito em *Mística Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na MetrÓpole* (Magnani, 1999).
- 40 Tais práticas, diferentemente do que ocorre nas religiões convencionais, à primeira vista se apresentam de forma altamente fragmentada: seu exercício, sem a tutela de um corpo sacerdotal investido de autoridade sobre os adeptos, sem normas litúrgicas e princípios doutrinários impostos a todos, pareciam o resultado mais da criação individual de seus

membros do que de um marco regulatório comum: daí a denominação, na mídia, de “religião pós-moderna”, “religião *self-service*”, centrada na experiência e em iniciativas pessoais.

- 41 Traçar o *circuito* neo-esotérico na cidade de São Paulo foi um desafio: sem entrar nas particularidades desse universo, descrito em detalhes na obra acima citada, cabe observar que essa foi a categoria, entre outras, que permitiu começar a perceber um certo grau de regularidade e coerência nesse campo à primeira vista tão heterogêneo. Reconhecido o primeiro *circuito*, o *principal*, ficou viável identificar inúmeros *sub-circuitos*, com “graus de pertinência” mais específicos: o dos terapeutas holísticos (especialistas em massagem ayurvédica, tui-ná, shiatsu, acupuntura, reiki, shantala, quiropraxia, etc.); o das práticas corporais (lian-gong, yoga, tai-chi-chuan, qi-gong, danças circulares, biodança, hologinástica); dos rituais de cura (rituais tântricos, *temazcales* ou saunas sagradas, roda da medicina, rituais xamânicos, relaxamento Kum Nye); dos sistemas divinatórios, dos cursos, workshops, etc. etc. – todos com lugar reconhecido (e em contato) no *circuito* mais geral.
- 42 Isso tudo para não falar dos *trajetos*, característicos desse *circuito*: o neo-esoterismo já foi classificado como “nomadismo religioso”, “sincretismo em movimento” (Amaral 1999), haja vista a facilidade com que as pessoas transitam de um ponto a outro, sem dramas de consciência ou compromissos de lealdade. Assim, de um conjunto de práticas visto como um amontoado de credices criadas ao sabor da improvisação de uns e da esperteza de outros, chegou-se à descrição de um universo com diferentes graus de coerência, articulação e de trocas, claramente localizado na paisagem da cidade.

Os Sateré-Mawé

- 43 Mas é possível ir ainda mais longe. Longe mesmo, até o Médio e Baixo Amazonas! Falar, por exemplo, em um *circuito* Sateré-Mawé, implica que se está diante não apenas de um modo de vida diferenciado que compartilha práticas, gostos ou crenças religiosas, mas de um *povo*, com regras de parentesco (não apenas “espirituais”, como no caso do candomblé), assentamentos, cosmologia, religião, sistemas de cura, história, língua, rituais. Qual o rendimento da categoria *circuito*, neste caso?
- 44 O progressivo contato do Grupo de Etnologia Urbana do NAU com os Sateré-Mawé e o conhecimento de seu modo de vida permitiram em determinada etapa da pesquisa delinear, numa primeira aproximação, o que denominamos de *circuito* Sateré-Mawé em Manaus e arredores: quatro comunidades em Manaus (Y’apyrehy, Waikiru, Waranã, Hywi), uma no município de Iranduba, (Sahu-Apé), mais a sede da AMISM (Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé), também em Manaus. Mais tarde foram agregadas as Casas de Trânsito de Parintins e Barreirinha e, na continuação, algumas aldeias da terra indígena em Ponta Alegre, na margem do rio Andirá.
- 45 Delimitar esse *circuito* permitiu ir além das fronteiras da cidade e distinguir *sub-circuitos*, como o do ritual da Tucandeira e o do artesanato, que dizem respeito a todo o povo sateré, onde quer que seus membros estejam. O mesmo pode ser dito do futebol: os Sateré-Mawé participam da liga indígena do *circuito* do futebol amador em Manaus, o “Peladão”, e membros de várias de suas comunidades se preparam para o torneio, disputam e acompanham os jogos. Este evento aciona, mobiliza, põe em contato determinadas pessoas, não de forma aleatória, e sim no interior de um conjunto, segundo determinadas regras.
- 46 Seguindo a mesma lógica, o ritual da Tucandeira organizada em Y’apyrehy, por sua vez, traz este ou aquele cantador da T.I., formigas de outro ponto, ferroáveis de outros, vizinhos do bairro, assim como a mídia, pesquisadores e turistas. Ou seja, estabelece também pontos de intersecção não duradouros; terminado o evento desfaz-se a rede. Outra festa, em outro dia, numa outra comunidade: novas alianças.
- 47 O mesmo ocorre com o artesanato: é outro *sub-circuito*, englobado pelo principal mas que articula outros pontos como a praça Tenreiro Aranha, o Mercado Municipal, o Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas – INPA, terrenos baldios e parques onde se pode colher algumas sementes, aldeias na terra indígena: produz-se assim outra configuração no interior do *circuito principal*.
- 48 Assim como esse *sub-circuitos*, a configuração que foi denominada de *circuito principal* (que os engloba) foi estabelecida a partir de um determinado ponto de vista, de uma *convenção*,

que orientou o início da pesquisa. Neste caso foi escolhido o processo de chegada e inserção dos primeiros Sateré–Mawé em Manaus, resultado de migrações, invasões, deslocamentos, ou seja, seus *trajetos* realizados em determinados períodos de tempo; foram esses *trajetos* que terminaram configurando aquele *sistema de residências*, inicialmente as cinco aldeias, mais a sede da AMISM, as Casas de Trânsito.

49 Neste caso, *circuito* e *trajeto* permitiram romper com a ideia corrente de “índios na cidade”, ou “índios urbanos”, pois na verdade eles estão o tempo todo circulando entre diferentes pontos nos domínios tidos como unidades discretas – cidade, floresta, rio.

Conclusão

50 A partir do que foi discutido até aqui e com base nos conceitos e referências mobilizados acima – convenção (Becker), graus de pertinência (teoria dos conjuntos), unidades de circulação, modos de vida – pode-se tentar estabelecer os elementos mínimos constitutivos do *circuito* e, a partir daí, uma definição. Tais elementos são:

i) a prática ou atividade que está sendo considerada, podendo variar desde um plano mais geral como “O skate na cidade de São Paulo”, ou mais específico: “O skate no centro da cidade”; “O neopentecostalismo na cidade”, ou “Os neo-pentecostais na zona leste”; “O Peladão, liga de futebol amador em Manaus”, ou “A chave indígena na liga de futebol amador”.

ii) as unidades que compõem o circuito, individuais ou coletivos: “Os jogadores que circulam pelos times de várzea”, ou “Os times que atuam na cidade; ou ainda “As ligas que congregam os times”. “Os ogans que frequentam os terreiros de determinada linhagem religiosa”; ou “Os terreiros da tradição ketu”; ou “As federações que congregam diferentes linhagens”, etc.

iii) a delimitação espacial e temporal coberto pelo circuito: “Os espaços de lazer dos surdos na cidade de São Paulo”; “A sociabilidade dos surdos durante o período das festas juninas”, etc.

51 Daí se segue: *circuito* seria “**a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo**”.

52 Isso posto, algumas observações merecem, mais uma vez, serem enfatizadas. A primeira delas é que o *circuito* apresenta, além da conhecida inserção espacial, uma dimensão temporal, característica que não aparecia nas primeiras formulações da categoria. Assim, por seu intermédio, é possível identificar e descrever um conjunto de *pontos* localizados espacialmente ao longo dos quais determinadas pessoas, objetos, mensagens se movimentam durante certo período de tempo. É esta dimensão espaço-temporal que, entre outras, diferencia o *circuito* das costumeiras aplicações da noção de rede.

53 São os *trajetos* que acionam essa movimentação, produzindo *configurações* no interior do *circuito*: podem ser mais amplas ou mais restritas, mais duradouras ou efêmeras – uma festa, uma invasão, a apresentação da Tucandeira ou de danças “típicas” num colégio, uma exibição de *skate*, uma batalha de *rap*. Desta forma, são os *trajetos* que instauram os *circuitos*, e são eles que põem determinados segmentos em movimento, produzindo novas configurações.

54 Cabe notar que, assim como *pedaço*, *mancha*, *trajeto* e *pórtico*, *circuito* é um termo de uso comum. O circuito dos cinemas tal como consta nos cadernos especializados dos jornais, por exemplo, nada mais é do que uma lista com os endereços, a programação, os preços e algum comentário sobre os filmes em cartaz. O mesmo pode ser dito do “Circuito das Águas” – cidades que oferecem tratamento de saúde com base na propriedade terapêutica de suas fontes. E assim por diante.

55 Mas, ainda que remeta a esse significado convencional – conjunto de elementos relacionados espacialmente em razão de um atributo comum, que seria o sentido mais trivial do termo¹¹ – *circuito*, como categoria, vai além de um aspecto meramente enumerativo. Como foi mostrado, seu rendimento analítico deriva da relação que mantém com as demais categorias da “família” e de sua resiliência, o que permite que seja aplicado em contextos diferentes, de amplitudes variadas, para descrever suas dinâmicas e desvendar suas lógicas.

56 Cabe aqui uma referência ao conceito de lugar *antropológico*,¹² “simultaneamente princípio de *sentido* para aqueles que o habitam e princípio de *inteligibilidade* para quem o observa” (Augé, 1994:51). Em *Da periferia ao centro* (2012), comento a conveniência dessa expressão:

(...) quem já estudou terreiros de candomblé, grupos de jovens, escolas de samba, torcidas organizadas de futebol, o circuito *gay* etc. sabe muito bem sabe que, nestes e em outros casos análogos, há recortes ou unidades cujas fronteiras e graus de pertencimento são vivamente experimentados pelos integrantes do grupo. Tomando como exemplo a categoria de *pedaço*, é evidente, por parte de seus integrantes, uma percepção imediata, sem nuances ou ambiguidades, a respeito de quem pertence ou não a ele: trata-se de uma experiência concreta e compartilhada. O analista, por sua vez, também percebe tal experiência e a descreve: essa modalidade particular de encontro, troca e sociabilidade supõe a presença de elementos mínimos estruturantes que a tornam reconhecível em outros contextos. Assim, uma unidade consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais. Para os primeiros, é o contexto da experiência, e para o segundo, a chave de inteligibilidade e o princípio explicativo. Uma vez que não se pode contar com uma unidade dada *a priori*, postula-se uma a ser construída a partir da experiência dos atores e com a ajuda de hipóteses de trabalho e escolhas teóricas, como condição para que se possa dizer algo mais que generalidades a respeito do objeto de estudo. (op. cit., 2012:269)

- 57 O mesmo pode ser dito a respeito do *circuito*. Os Sateré-Mawé – tal como os skatistas, os *straight edges*, os adeptos do *black metal*, as iaôs e ogans, os participantes de times de futebol de várzea, os surdos, os pichadores etc. – conhecem muito bem os *circuitos* em que desenvolvem suas atividades, cultivam seus modos de vida e estabelecem suas relações. O etnógrafo, por sua vez, identifica esses *circuitos*, pode descrevê-los e os reconhece como a instância que engloba o recorte específico que constitui o objeto de sua observação mais detida.
- 58 Em ambos os casos, o *circuito* não é dado de antemão, mas construído: são os *trajetos* dos atores sociais que criam, mobilizam e o tornam vivo, assim como é o observador que circunscreve, põe em contato e articula determinadas dimensões desse *circuito* no curso de sua etnografia. Não fosse pela conotação funcionalista, teríamos aí uma “totalidade” duradoura e dotada de algum grau de coerência interna – e não uma mera sucessão de eventos aleatórios.
- 59 A flexibilização da variável “espaço”, muito marcada nas versões anteriores da categoria, abre um novo e promissor campo para sua aplicação, ainda incipiente: é o “mundo da net”, com suas incontáveis possibilidades e combinatórias, abertas à criatividade individual e coletiva. *Pedaços*, *trajetos* e *circuitos*, etc. “virtuais” têm, nesse domínio, suas convenções, graus de pertinência e atores que se alternam entre os modos *on* e *off*. Recorte, contudo, que está a pedir mais trabalho de campo.
- 60 E, por fim, uma última consequência, a partir da discussão dessa proposta de revisitar a “família” de categorias e em especial a de *circuito*, na área específica da Antropologia Urbana: a dissolução da cidade enquanto uma totalidade dada, discreta, com papel explicativo ou definidor de comportamentos, práticas, situações – a violência, o individualismo, a segregação etc. – perspectiva tão a gosto da mídia e arraigada no senso comum.
- 61 Em seu lugar, categorias como *pedaço*, *trajeto*, *mancha*, *pórtico* e *circuito* permitem conduzir o olhar e o trabalho etnográfico em busca de regularidades evitando duas posições opostas: uma, a “tentação da aldeia”, que significa permanecer na zona de conforto dos limites do recorte inicial – tal ou qual prática, este ou aquele grupo, recorte empírico, equipamento ou instituição – ou a de apelar direta e imediatamente para fatores explicativos de ordem macro.
- 62 Como instrumentos de análise no sentido referido mais acima, ao mesmo tempo *unidades de sentido* e *de inteligibilidade*, essas categorias permitem reconhecer e descrever as múltiplas passagens entre diferentes domínios de abrangência, orientando o olhar de forma que não se situe tão “de perto” a ponto de se identificar com uma visão particularista e fragmentária, mas também nem tão “de longe”, focado no plano das generalidades.

Bibliografia

- ALVITO, Marcos (2001). *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro, FGV Editora
- AMARAL, Leila. (1999) “Sincretismo em movimento”. In: CAROZZI, Maria Julia. *A Nova Era no MERCOSUL*. Petrópolis: Vozes.
- AMARAL, Rita. (1992). “Povo-de-santo, povo de festa. O estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista”. São Paulo, *Dissertação* (Mestrado em Antropologia Social), PPGAS/USP, publicada com o título *Xirê! – o modo de crer e de viver do candomblé*. (2002) Rio de Janeiro: Pallas/ EDUC.

- AUGÉ, Marc. (1994) *Não lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus,
- BECKER Howard. (1982) *Art Worlds*. California: University of California.
- CANTOR (1874) “Über eine Eigenschaft des Inbegriffes aller reellen algebraischen” *Zahlen, Crelles Journal f. Mathematik*, 77 (1874) 258–262.
- INGOLD. TIM – *The perception of the environment – Essays in livelihood, dwelling and skill*. London/ New York, Routledge, 2005
- MAGNANI, José Guilherme C. (1999) *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole*. São Paulo, Livros Studio Nobel Editora
- MAGNANI, José Guilherme C. (2008). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, EDUSP;
- MAGNANI, José Guilherme C. (2012). *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana* São Paulo: Editora Terceiro Nome (Col. Antropologia Hoje).
- MANTESE, Bruna (2007) “Straight Edges e suas relações na cidade”. In: MAGNANI, José Guilherme C. & MANTESE, Bruna. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome. (Col. Antropologia Hoje).
- NORA, Pierre, *Les Lieux de Mémoire*, Editions Gallimard, Vol.I, Paris, 1984.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa (2007) “Pichando a cidade: apropriações ‘impróprias’ do espaço urbano”. In MAGNANI, José. Guilherme C. & MANTESE, Bruna. *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome., (Col. Antropologia Hoje).
- ZADEH L. A. (1965) "Fuzzy sets". *Information and Control* 8 (3) 338–353.

Notas

1 O GEU/NAU, a convite dos professores Marta Amoroso e Marcio Silva, fez parte, entre 2008 e 2012, do projeto “Paisagens ameríndias: habilidades, mobilidade e socialidade nos rios e cidades da Amazônia” no âmbito do Procad, Programa Nacional de Cooperação Acadêmica, que prevê intercâmbio entre um programa de pós graduação consolidado e outro, de implantação mais recente: neste caso entre o PPGAS da USP e e da UFAM. O eixo da pesquisa que coube ao NAU foi “Tempo livre e lazer nas cidades amazônicas com ênfase nas populações indígenas”. Segundo o projeto, o objetivo era fazer uma etnografia de formas de lazer e modalidades de uso do tempo livre nos espaços de socialidade da população indígena nas cidades da Amazônia como modo de abordagem inovadora dos processos de incorporação da vida urbana pelas populações nativas.

2 Para uma exposição mais pormenorizada destas categorias, ver Magnani (2012: 86-98). Cabe, contudo, uma rápida revisão: *Pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público (a rua) onde se desenvolve uma sociabilidade que instaura laços de pertencimento e exclusividade entre seus membros, em torno de determinados gostos, símbolos e práticas. *Manchas* são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Mais ancorada na paisagem, acolhe um número maior e mais diversificado de usuários viabilizando possibilidades de encontro e não relações de pertencimento, com no *pedaço*: em vez da certeza, a *mancha* acena com o imprevisto, pois ainda que sejam conhecidos o padrão de gosto ou pauta de consumo aí imperantes, não se sabe ao certo o que ou quem vai se encontrar. A noção de *trajeto* aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade ou no interior das *manchas* e levam de um ponto a outro através dos *pórticos*, marcos de transição na paisagem pois configuram passagens: já não se está no *pedaço* ou *mancha* de cá, mas ainda não se ingressou nos de lá. Finalmente, *circuito* designa o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, espaços e equipamentos que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, de forma que a sociabilidade que possibilita – por meio de encontros, comunicação e manejo de códigos – é mais diversificada e ampla que na *mancha* ou *pedaço*.

3 Para apreciar mais em detalhes esses ajustes e pistas (Galeria do Rock, Bixiga, esquina da av. Paulista e Consolação e uma passagem entre Bixiga e rua Augusta) cfr. Magnani ([1996]2008:39:46).

4 Não no sentido de relevância, importância, mas de “pertencer a”.

5 Atual tema de doutorado de Giancarlo Machado.

6 Temas, entre outros, de pesquisas do NAU.

7 Comunicação pessoal do pesquisador do NAU Lucas Lopes de Moraes que defendeu sua dissertação de mestrado sobre o tema no PPGAS da USP em 2014.

8 Veja-se, a propósito, a discussão de César Augusto A. Silva sobre esses termos em *Cultura Surda*, 2012.

9 Tema, entre outros, de interesse e estudo por parte do Grupo de Estudos de Religião na Metrópole GERM/NAU

10 Neste caso, se umbanda for tomada como *circuito* principal, abre-se novo leque, podendo incluir os terreiros, a prática da capoeira (versão angola) , lojas de produtos para o culto, as federações, etc.

11 Trivial mas não desprezível pois permite uma primeira identificação e localização desses pontos como resultado dos trajetos dos atores sociais, ao longo de determinado período de tempo. Na continuação, a partir dessa primeira aplicação pode-se estabelecer novos recortes de análise ou identificar pontos de intersecção com outros *circuitos*, como foi feito no caso dos Sateré e o *circuito* de seu sistema residencial.

12 Que por sua vez remete ao conceito de “lugares de memória”, de Pierre Nora (1984).

Para citar este artigo

Referência eletrônica

José Guilherme Cantor Magnani, « O Circuito: proposta de delimitação da categoria », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 22 Abril 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2041> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2041

Autor

José Guilherme Cantor Magnani
USP

Direitos de autor

© NAU

Resumo

Entradas no índice

Palabras claves : antropologia urbana, método etnográfico, circuito, ciudades amazónicas

Palavras chaves : antropologia urbana, método etnográfico, circuito, cidades amazônicas